

abc do mundo árabe

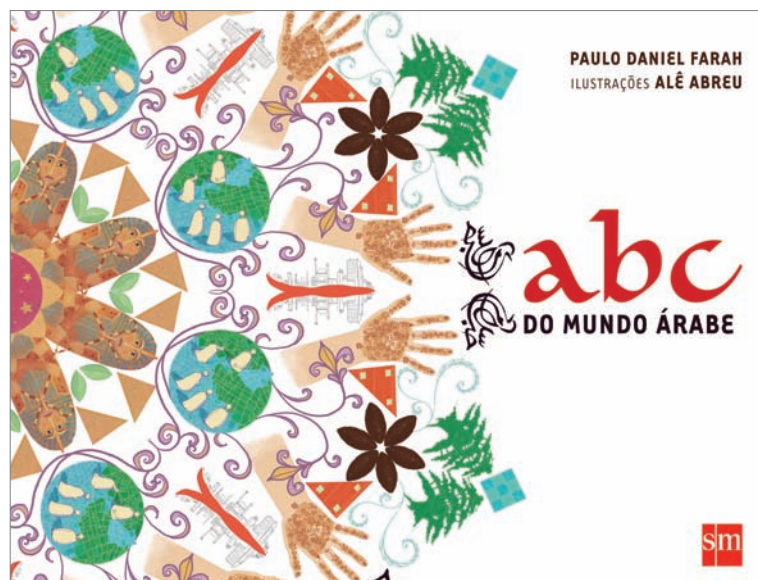


Paulo Daniel Farah

Ilustrações Alê Abreu

Temas Cultura árabe; Diversidade cultural; Tolerância

GUIA DE LEITURA
PARA O PROFESSOR



48 páginas

O AUTOR Paulo Daniel Farah é professor na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (Universidade de São Paulo). Autor de *O Islã* e de *Glossário de termos islâmicos*, entre outras obras, e co-autor de *Por que nós brasileiros somos contra a guerra no Iraque* e de *Diálogo América do Sul – países árabes*, morou no Oriente Médio e na África durante vários anos e dirige o Centro de Estudos Árabes da USP. Traduziu diversas obras do árabe, persa, francês, inglês e alemão, entre elas *O beco do Pilão*, de Naguib Mahfuz, e *Homens ao sol*, de Ghassan Kanafani.

A HISTÓRIA DO LIVRO

RELEVÂNCIA DO TEMA

O *ABC do mundo árabe* aborda um tema pouco debatido no Brasil: o que é ser árabe e a influência dessa comunidade na cultura brasileira. A presença árabe é tão integrada à nossa sociedade, com suas múltiplas procedências, que em geral as pessoas não percebem sua origem e influência na cultura brasileira. Ademais, na atualidade, compreender os aspectos diversos dos países árabes é fundamental para acompanhar os debates acerca da geopolítica mundial. Os países abordados no livro aparecem com frequência no noticiário, e é importante fornecer ferramentas para que as crianças possam acompanhar os jornais impressos e televisivos ou ler obras sobre a região.

INTERPRETAÇÃO

De forma simples e objetiva, o *ABC do mundo árabe* reúne verbetes sobre a história, a geografia, a literatura, a lingüística, a religião e a economia dos países árabes.

A introdução da obra explica as diferenças e as semelhanças entre o alfabeto árabe (exemplos de caligrafia árabe



2008996274969

aparecem nas páginas 6 e 7) e o latino (utilizado para grafar a língua portuguesa). Ressalta também a importância da cultura árabe para o Brasil e para o mundo. Diz-se, por exemplo, que os árabes permaneceram na Espanha por quase 800 anos. E, com efeito, se os europeus chegaram ao Brasil no século XVI e sua influência se fez notar na arquitetura, na língua, nas vestimentas, na culinária, entre outros vários aspectos, é de esperar que uma presença três séculos mais longa deixe marcas ainda mais fortes.

No caso do Brasil, os árabes vieram, sobretudo, a partir do século XIX, quando a região era controlada pelo Império Otomano. Como os imigrantes portavam documentos emitidos pelo império, muitas pessoas que viviam no Brasil passaram a chamá-los de “turcos”. Como se sabe, porém, turco é aquele que nasce na Turquia, país de maioria muçulmana, mas que não é árabe.

A letra “a” do livro esclarece o que é ser árabe: aquele que fala a língua árabe, nasceu em um dos 22 países árabes e se considera um árabe. Destaca-se aqui o papel central do idioma para a formação dessa identidade, que não é apenas de nascimento, mas também de escolha.

Os verbetes, em ordem alfabética, apresentam cidades como Bagdá e Jerusalém; animais como o camelo e o cavalo; países como o Egito e o Líbano; personalidades políticas e artísticas como Gamal Abdel Nasser e Naguib Mahfuz; vestimentas como a *keffia*; religiões e locais de oração como o Islã e a mesquita; comidas bastante comuns nas lanchonetes brasileiras como o quibe e a esfíha; recursos energéticos fundamentais para a economia mundial e para a história recente do mundo árabe como o petróleo; espaços importantes para o comércio e a sociabilização como o *suq* (o mercado precursor do *shopping center*, onde se encontra de tudo); instrumentos musicais como o alaúde; histórias como a das *Mil e uma noites*; e nomes como Jamil, Leila, Yasmin e Zahi.



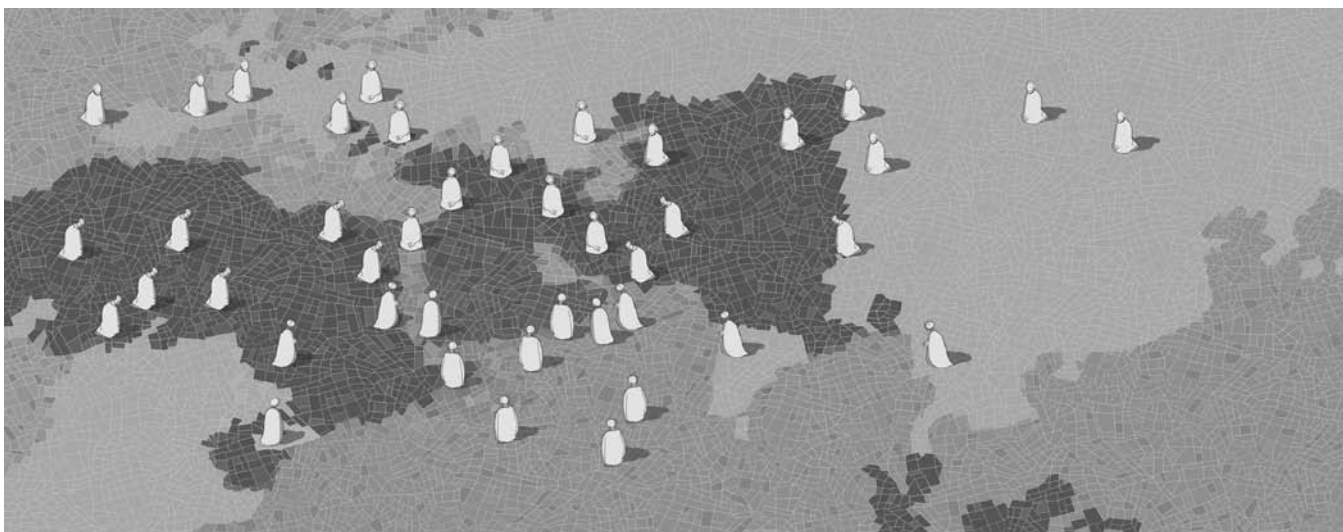
Os verbetes sempre vêm acompanhados de ilustrações que complementam o texto e ampliam o conhecimento sobre os temas abordados.

A intenção é iniciar uma reflexão crítica acerca do mundo árabe e de sua relação com a América do Sul, em geral, e com o Brasil, em particular.

A HISTÓRIA DA REGIÃO

FATOS GEOGRÁFICOS E HISTÓRICOS

O mundo árabe se localiza na África e na Ásia e engloba os seguintes Estados: Arábia Saudita, Egito, Iraque, Jordânia, Líbano, Síria, Iêmen, Líbia, Sudão, Marrocos, Tunísia, Kuwait, Argélia, Emirados Árabes Unidos, Bahrein, Qatar, Omã, Mauritânia, Somália, Djibuti, Comores e Palestina (que corresponde a Cisjordânia e Gaza, de acordo com a Organização das Nações Unidas).



A paisagem inclui desde desertos (na Arábia Saudita, no Kuwait, na Argélia e no Egito, entre outras localidades) até territórios bastante férteis, como o Iêmen (chamado, na Antigüidade, de “Arábia Feliz”), o Líbano e a Palestina.

A economia é variada e abarca países cujo principal produto de exportação é o petróleo (caso da Arábia Saudita, do Kuwait e do Iraque, Estados de grande interesse econômico para Europa, Estados Unidos, Japão e China, entre outros), além daqueles que possuem economia diversificada (como os Emirados Árabes Unidos) ou bastante dependente do turismo (caso do Egito e do Marrocos, por exemplo).

A maior parte desses países foi colonizada por uma potência européia e obteve independência no século XX. Síria, Líbano, Argélia, Marrocos, Djibuti e Tunísia foram colonizados pela França. Iraque, Jordânia, Palestina, Qatar e Omã foram colonizados pelo Império Britânico.

Antes da colonização européia, a região foi disputada por várias potências. A partir do início do século XVI, parte considerável foi dominada pelo Império Otomano, que se desintegrou no início do século XX.

Entre as fontes disponíveis para o estudo da Arábia pré-islâmica (anterior ao advento do Islã, no século VII), encontram-se inscrições cuja escrita se assemelha ao árabe presente no Alcorão. No primeiro milênio antes de Cristo verifica-se a existência de diversos Estados na região sudoeste da península arábica, como os reinos de Main, Qataban, Hadramaut e Sabá. Atualmente, escavações arqueológicas continuam a revelar as riquezas arquitetônicas das civilizações que floresceram na Arábia.

A LÍNGUA ÁRABE

Um elemento fundamental e fator de unidade para essa cultura é o idioma árabe, no qual se expressaram inúmeros filósofos, médicos, matemáticos, prosadores e poetas. Meca, centro comercial e religioso (que se localiza na atual Arábia Saudita), desempenhou papel muito importante na consolidação do árabe como língua comum aos habitantes da península arábica.

A relevância dessa língua se evidencia na vasta produção literária árabe, seja em prosa, seja em poesia. Obras como o *Livro das mil e uma noites*, as *Muaallaqat* (poemas pré-islâmicos), a poesia moderna (representada, entre outros autores, por Mahmud Darwich e Fadwa Tuqan) e os romances árabes (cujo principal representante é Naguib Mahfuz, Prêmio Nobel de Literatura em 1988) atestam a diversidade e a riqueza da literatura árabe.

HÁBITOS E COSTUMES

Os textos e as ilustrações contidos nesta obra desvelam trajas e costumes próprios dos países árabes. Observa-se, por exemplo, que muitos árabes utilizam na cabeça uma *keffia* (p. 21), um pano bastante comum em localidades como a Palestina, a Arábia Saudita, a Jordânia e os Emirados Árabes Unidos.

Compreende-se pelo texto e pela ilustração que, tradicionalmente, os árabes muçulmanos comem juntos, em geral sentados no chão (p. 33). A cena



mostra o que se passa em muitos países árabes em um dia do Ramadã, o mês muçulmano do jejum: durante o dia, as pessoas oram e não comem nem bebem; à noite, quebram o jejum e se confraternizam compartilhando a refeição. De fato, para muitas crianças e adultos dos países árabes, não há por que comer em pratos separados, pois a refeição é um momento de reunião e de partilha.

Vale a pena ressaltar a diferença entre árabe e muçulmano com base nos verbetes do livro (p. 7 e 19). A definição de árabe já foi apresentada aqui, e muçulmano é aquele que professa a religião muçulmana, seja ele francês, argentino, chinês, russo, tanzaniano, brasileiro, seja de qualquer outra nacionalidade. Muitas crianças conhecem pessoas de religiões diferentes ou pelo menos de denominações cristãs diversas (católicas, ortodoxas, neopentecostais em suas várias vertentes etc.). Ao lembrá-las de que essas pessoas têm em comum o fato de ser brasileiras, fica fácil argumentar que no caso dos muçulmanos acontece o mesmo. Ou seja, um brasileiro pode ser cristão, judeu, muçulmano, budista, espírita etc., e um muçulmano pode praticar sua religião em qualquer país (ao menos teoricamente).

MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS/CULTURAIS

O alaúde (ou *ud* – p. 39) e outros instrumentos musicais como o *derbak* (percussão) e a *nai* (espécie de flauta) são indispensáveis nos países árabes. Tocá-los é uma arte que se aprende desde pequeno e ao longo de muitos anos. A técnica é passada de pai para filho, geração após geração. A música árabe influenciou a musicalidade européia, africana e asiática, entre outras, e foi influenciada por elas. No Brasil, um cantor conhecido é Khaled, que interpreta *Aicha* e *Ya Galbi*, entre outras músicas. Uma busca simples na internet permite encontrar textos em português sobre Khaled (que significa “eterno, perpétuo” – p. 47) e algumas de suas canções.

Outras manifestações culturais apreciadas pelos árabes são a poesia, os provérbios e o hábito de contar histórias, como se mencionou e como se verifica no prefácio do *ABC do mundo árabe*. Na região, estima-se que a boa conversa é recheada de histórias e poemas, de preferência com os recitadores e os ouvintes sentados sobre o tapete (p. 37).



COMO TRABALHAR O LIVRO EM SALA DE AULA

Inicialmente, propõe-se que o professor pergunte se algum aluno tem ascendência árabe ou conhece alguém (parente, amigo ou conhecido) descendente de árabes. Caso alguém tenha origem árabe, pode-se pedir que relate um pouco sua história de vida e a de sua família, além de perguntar o que significa ser árabe na opinião dele. Se não houver ninguém que se identifique como árabe, os alunos podem procurar se informar na rua ou no bairro em que vivem e fazer uma pequena entrevista com algum descendente. Algumas perguntas sugeridas: “Qual é o seu nome e sobrenome?” (as crianças vão observar que muitas pessoas têm nomes indígenas, africanos ou europeus e sobrenome árabe); “De onde veio a sua família?” (no Brasil, a maioria dos descendentes vem do Líbano, da Síria ou da Palestina); “O que você sabe sobre o país de origem da sua família?”; “Há algo que você perceba no seu dia-a-dia que identifique como árabe?” (a música, a roupa ou as comidas como quibe, esfíha, tabule, *babaganúch* etc.).

Em sala, sugere-se perguntar: “Quem aqui já comeu quibe ou esfíha?”. O professor pode lembrar que é possível preparar um alimento árabe saudável que não precisa de fogo para preparo: o tabule, salada muito popular na Síria e no Líbano. Basta picar tomate, pepino, cebola e hortelã e misturar com trigo. Ao final, pode-se acrescentar azeite, sal e limão.

Após a leitura, entre as atividades que podem ser propostas estão:

1. Para falar do aspecto geográfico e histórico, recomenda-se mostrar aos alunos um mapa com a localização dos países árabes. É importante explicar que existe certa unidade histórica e cultural nessa região. A principal é lingüística, ou seja, nesses países se fala árabe como língua oficial. Algumas palavras em árabe que as crianças podem praticar são: *chúkran* (obrigado), *chúkran jazílan* (muito obrigado), *márhaba* (oi, olá) e *mádrassa* (escola).
2. Em seguida, pode-se trabalhar o gentílico relacionado aos países árabes. Quem nasce no Egito é...? Egípcio. No Iraque? Iraquiano. Na Jordânia? Jordaniano. No Líbano? Libanês. Na Síria? Sírio. No Iêmen? Iemenita. Na Líbia? Líbio. No Sudão? Sudanês. Em Marrocos? Marroquino. Na Tunísia? Tunisiano. Na Argélia? Argelino. No Kuwait? Kuwaitiano. Em Omã? Omani. Na Palestina? Palestino. Na Somália? Somali.
3. Depois, é possível estudar o nome das capitais. “Quem sabe qual é o nome da capital do Egito? Cairo. Do Iraque?”. Bagdá. Do Líbano? Beirute. Da Síria? Damasco. Da

Jordânia? Amman. Da Líbia? Trípoli. Do Sudão? Khartum. Da Tunísia? Túnis. Do Kuwait? Cidade do Kuwait. Da Argélia? Argel. Do Bahrein? Manama. Da Mauritânia? Nouakchott. Da Somália? Mogadishu. Uma atividade complementar seria pedir que os alunos pesquisem na internet o nome da moeda desses países.

4. Para trabalhar a importância da cor verde para essa região (p. 41), uma sugestão é fazer bandeirinhas de lugares como o Líbano, a Síria, a Palestina, a Arábia Saudita, a Argélia, a Líbia e a Jordânia. A criança pode escolher uma bandeira (ou várias), recortá-la e montá-la com tesoura, cola e papel colorido, entre outros materiais.
5. Sugere-se explicar que as tatuagens nas mãos e nos pés (p. 42) são muito comuns nos países árabes, especialmente em ocasiões festivas como casamentos. Trata-se geralmente de tatuagens de hena, e pode-se propor que os alunos pintem as mãos e/ou os pés com essa tinta (produto cada vez mais comum no Brasil) ou com guache. Padrões geométricos e flores são algumas das possibilidades.
6. Pode-se ler o trecho abaixo, do romance *O beco do Pilão* (do escritor egípcio Naguib Mahfuz), e pedir que as crianças desenhem ou descrevam como imaginam a personagem Hamida, que aparece nesta passagem:

“Hamida voltou a pentear o cabelo vigorosamente e sentou-se ao lado da mãe. Tinha vinte anos. De estatura mediana, era esbelta, sua pele tinha um tom bronzeado e seu rosto era levemente alongado, sem marcas, e formoso. O que mais se destacava eram os belos olhos negros, cujas pupilas contrastavam incrivelmente no branco, com charme. Quando apertava seus lábios delicados e agudizava o olhar, adquiria uma aparência de força e determinação bastante incomum entre as mulheres. E ninguém, mesmo no beco do Pilão, subestimava seus ataques de raiva. Até sua mãe, famosa pelo gênio forte, agüentava até onde podia. Um dia, enquanto discutiam, a mãe lhe disse: ‘Deus nunca vai lhe encontrar um marido. Que homem iria querer levar ao peito uma brasa ardente?!’. Outras vezes dizia que uma verdadeira loucura se apossava da filha quando ela se irritava. Referia-se a isso como o *khamásín*, o vento quente de areia que atinge o Cairo sobretudo em abril.

Apesar disso, amava Hamida, ainda que dela fosse apenas a mãe adotiva. A verdadeira mãe da moça havia sido sua sócia no comércio de *mifattaqa* (mistura de ervas, grãos e temperos que se ingere para engordar) e

mughát (planta cuja raiz, triturada, é usada no preparo de uma bebida que ajuda as grávidas a produzir leite). Em tempos difíceis, acolhera-a em seu apartamento no beco. Ao final, morreu em suas mãos e deixou um bebê.

Adotara a criança e a confiara aos cuidados da mulher de Kircha — o dono do café —, que a amamentara com seu filho Hussayn Kircha. Hamida era, portanto, irmã de leite dele”.

Após a leitura, pode-se explorar também o vocabulário do texto. As crianças sabem o que é a “pupila”, de que se trata um “beco” e o que significa “agudizar”? Podem pensar em exemplos de frases com essas palavras?

7. Propor uma confraternização (demonstração de fraternidade) entre os alunos. Cada criança pode trazer um prato de doce (árabe, se possível), esfiha, quibe, sanduíches ou suco, entre outras coisas, para que todos percebam como é bom compartilhar uma refeição mesmo se não houver motivo específico para comemoração. Explicar que, quando alguém leva uma lata de leite condensado à casa de um amigo para misturar com chocolate em pó da casa dele, por exemplo, para fazer um brigadeiro, eles estão compartilhando o alimento.
8. Conversar sobre a imagem que os alunos têm de um país árabe. Por exemplo, é possível comparar o Líbano (descrito na página 23) e o Brasil. “O que eles possuem em comum e de diferente?” “É possível no Brasil esquiar nas montanhas e, depois de viajar apenas uma hora, nadar no mar?”. No Líbano isso acontece, porque se trata de um país pequeno, e a distância entre as cidades é muito menor que aqui.

Os países árabes possuem aldeias tranquilas, mas também grandes cidades, com poluição, trânsito e desigualdade social. Ao falar dessa diversidade, pode-se abordar a questão da qualidade de vida. Será que viver na aldeia, sem grandes avanços tecnológicos, é necessariamente ruim? A poluição, o trânsito e a falta de espaço e de área verde não dificultam a vida das pessoas?

9. Ao mostrar a caligrafia da página 6, além de apresentar um exemplo de escrita árabe, vale a pena explicar seu significado. A frase afirma que “o Paraíso fica sob os pés das mães”. Em que os alunos pensam quando ouvem essa frase? Eles devem compreender que a intenção é dizer que as mães buscam o melhor para os filhos e que, para encontrar a felicidade, basta procurá-las. É a mensagem desse provérbio.

10. Ao final, sugere-se questionar o que as crianças entendem da frase (p. 4) “A terra é minha pátria e a humanidade, minha família. Amo-te, meu irmão, quem quer que sejas”, do escritor libanês Jibran Khalil Jibran. Elas percebem que, para Jibran e para outros árabes, não faz a menor diferença de onde a pessoa vem. Esse escritor considera toda a humanidade sua família, não importa a língua, a religião ou a origem da pessoa.

De fato, como diz um ditado árabe (pronunciado pelo profeta Muhammad), “Todos os homens são iguais como os dentes de um pente. Nenhum árabe pode pretender ser superior a um não-árabe a não ser pela piedade. Não é um de nós aquele que prega o racismo”.

ELABORAÇÃO DO GUIA PAULO DANIEL FARAH;
PREPARAÇÃO BRUNO ZENI; REVISÃO MÁRCIA MENIN E
GISLAINE MARIA DA SILVA.

